PESQUISA COM FAMÍLIAS: OPÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA EM UM ESTUDO SOBRE A CRIAÇÃO DOS FILHOS

RESEARCHES WITH FAMILIES: METHODOLOGICAL THEORETICAL OPTION IN A STUDY ABOUT THE CREATION OF THE CHILDREN

INVESTIGACIÓN CON FAMILIAS: OPCIÓN TEÓRICO-METODOLÓGICA EN UN ESTUDIO SOBRE LA MANERA DE CRIAR A LOS HIJOS

Sonia Silva Marcon*
Ingrid Elsen**

RESUMO: Apresenta algumas opções metodológicas adotadas em um estudo sobre a criação dos filhos. Os dados foram coletados no período de janeiro de 1996 a outubro de 1997 através de entrevista aberta. A 1ª opção foi realizar a coleta de dados com famílias que criaram seus filhos em diferentes épocas delineadas por três gerações – pais, avós e bisavós. A 2ª foi a de utilizar como linha metodológica a história de vida inacabada; a 3ª foi em relação à localização dos informantes, e a 4ª foi priorizar as mulheres como informantes do estudo. A última, relaciona-se à técnica de análise dos dados, na qual se procurou abordar aspectos convergentes e divergentes das experiências relatadas por cada um dos informantes, de modo a identificar a ocorrência de fatos dentro da mesma geração e entre as gerações, e por conseguinte, fatos que eram comuns a todas as gerações ou pertenciam a apenas uma.

PALAVRAS-CHAVE: Relacionamento familiar; Criação da criança; Família; Pesquisa; Metodologia.

INTRODUÇÃO

A experiência em desenvolver um estudo sobre a criação dos filhos, em seu todo e em cada uma de suas etapas, a seu tempo esteve impregnada pela necessidade da tomada de algumas decisões em relação aos aspectos metodológicos, as quais foram baseadas no conhecimento da metodologia de pesquisa adotada e também na minha experiência de vida.

A proposta metodológica adotada constituiu-se de dois momentos que se entrecruzavam: o teórico e o prático. Este enlace entre teoria e prática tem a função de assegurar e direcionar nossos objetivos e questionamentos relacionados com a coleta de dados e o referencial teórico adotado. Trata-se, conforme afirma Andre (1995), de “pesquisa teórica, porém pesquisa que parte da prática, de prática que é também teórica e que precisa ser revisitada”.

Sendo assim, no que se refere à parte teórica buscamos um referencial que pudesse auxiliar não só no direcionamento e estruturação do objeto de estudo, mas também na própria interpretação do que foi resgatado através das entrevistas; e como parte prática interessou-nos buscar uma metodologia que se adequasse aos propósitos do estudo, que permitisse conhecer recortes da realidade das famílias de ontem e das famílias de hoje no que se refere à criação dos filhos.

Recebido em 09/07/03 aceito em 10/08/03

* Enfermeira. Doutora em Filosofia da Enfermagem. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. Coordenadora do Nepaaf (Núcleo de estudos, pesquisa, assistência e apoio à família).

** Enfermeira. Doutora em Ciências da Enfermagem. Professora do Programa de Pós-graduação da UFSC. Coordenadora do Leifams (Laboratório de estudos interdisciplinares de família e saúde)

O objetivo deste paper é apresentar as opções metodológicas adotadas em um estudo sobre a criação dos filhos.

CONHECENDO O ESTUDO

O estudo em questão (Marcon, 1998) teve por objetivo compreender e comparar os significados e representações de famílias sobre a criação dos filhos. As questões norteadoras foram as representações de famílias sobre a criança, o papel da mulher e a criação de filhos. Ele foi realizado na cidade de Maringá, Paraná, junto a famílias pertencentes a três gerações, as quais tinham em comum o fato de terem tido ou terem ainda um filho, neto ou bisneto que tivesse freqüentado ou estivesse freqüentando uma creche.

Os dados foram coletados no período de janeiro de 1996 a outubro de 1997, junto a 26 informantes, sendo seis representantes de famílias da primeira geração (bisavós), seis da segunda (avós) e quatorze da terceira geração (12 mães e 2 pais).

AS OPÇÕES METODOLÓGICAS DO ESTUDO

1ª OPÇÃO – A DECISÃO POR UM ESTUDO TRIGERACIONAL

A idéia de desenvolver um estudo utilizando como informantes pessoas pertencentes a diferentes gerações surgiu concomitante com o próprio tema: criação dos filhos. A nossa idéia era a de que esta é uma das atividades da vida que se aprende na família, com nossas mães e avós, pois pertence àquele grupo de coisas que nos são transmitidas implícita ou explicitamente ao longo da vida através de experiências socialmente vividas. E de que forma isto ocorreria se não fosse assim? Pelo que se sabe, não existem escolas para nos ensinar a sermos pais, e no entanto, a maioria de nós, em algum momento de nossas vidas, passamos a assumir esta posição e por conseguinte a desempenhar este papel. Via de regra nos tornamos pais, “bons” ou “maus” pais, mas nos tornamos. Sabe-se que se não existe a interferência de outros fatores, as crianças são bem criadas, mesmo por pais “inexperientes”, ficando demonstrado que eles tinham algum conhecimento de como fazer isto. Entende-se que ter conhecimento não está relacionado a ter conhecimentos adequados, corretos, mas suficientes para que a vida seja mantida; conhecimentos que muito provavelmente foram sendo adquiridos aos poucos e de diferentes maneiras, com diferentes atores, sendo a família o ator principal.

Para Vitale (1994), o campo intergeracional apresenta-se como processo estruturante e estruturado na construção da subjetividade, visto que para ela, “... a transmissão é um processo obrigatório que ocorre entre gerações reforçando e mantendo determinados valores, transformando outros. Mesmo quando a impressão é de imobilismo, está ocorrendo o processo de transmissão entre as gerações. Além disso, a geração nos fornece um sistema de representação espaço-temporal e, como tal, um meio que pode ser fecundo na análise da produção social...”

O conceito de geração, embora freqüentemente usado pelo senso comum para designar a pertença a uma mesma faixa etária, a posse dos mesmos valores, modos de vida e uma certa forma de ver o mundo semelhante, não é apenas isto; pode ser muito mais, embora possa ser só isto, dependendo da perspectiva que se queira dar ao estudo. Vitale (1994), reportando-se aos postulados de Attias – Donfut, afirma que as gerações se produzem sempre umas em relação a outras, sendo que cada etapa da vida exprime um determinado momento das relações intergeracionais, portanto, são as interações entre as dimensões de idade, geração e período que permitem caracterizar a geração. Uma geração é produzida na medida do seu envelhecimento e, principalmente, na relação com as outras gerações. E mais: à medida que a criação de uma nova geração favorece a tomada de

consciência da geração anterior e da consciência do tempo histórico. A historicidade, neste sentido, é a consciência da relatividade e da temporalidade de uma geração na sua relação com a sociedade.

Desta forma, quando se pretende desenvolver estudos dentro de uma perspectiva intergeracional, a dúvida que surge é sobre como definir e interpretar o conceito de geração e se este deve ser considerado dentro do contexto da família ou dentro da "grande esfera social".

Dentro da perspectiva familiar, geração pode ser entendida de diferentes formas e a partir de diferentes pontos de referência. Uphold e Harper (1987), em uma extensa revisão sobre as abordagens metodológicas utilizadas nas pesquisas realizadas com famílias em uma perspectiva intergeracional, identificaram que são utilizadas basicamente cinco formas de interpretar/definir uma geração. Pode-se, por exemplo, considerar o lugar na descendência, e nestes casos, geração refere-se à posição na fila de descendentes numa ligação vertical entre avós, pais e filhos, sendo o membro mais velho normalmente designado como primeira geração. Percebe-se que o conceito de geração, com esta perspectiva, não tem uma relação direta com idade cronológica, pois o indivíduo da primeira geração pode ter entre 30 e 80 anos, e isto depende da história de longevidade e fertilidade da família. Esta dimensão de análise de gerações pode ser considerada de baixo nível, porque focaliza os membros da família dentro do contexto de crescimento e desenvolvimento individual.

Outro critério que pode ser utilizado é o "coorte". Nestes casos, gerações são bandos fechados de pessoas ou grupos de pessoas que possuem idade homogênea. Consiste em indivíduos nascidos no mesmo período histórico e que passaram por experiências de vida semelhantes (uma guerra, um grande desastre natural...). Utilizando-se o conceito de geração com esta perspectiva é possível identificar o efeito da mudança social entre os indivíduos.

Gerações também podem ser interpretadas como níveis de desenvolvimento. Embora esta perspectiva esteja intimamente ligada à idade cronológica, se faz necessário esclarecer que nem todos os indivíduos que possuem idades semelhantes possuem o mesmo ciclo de idades na vida.

O espaço de tempo é outro critério utilizado, e nestes casos, gerações raramente são vistas como curtos espaços de tempo. Um período de tempo determina o início de uma geração, na qual se faz o estudo das mudanças. Antigamente um espaço de trinta anos era tido como adequado, pois era coerente com o número de anos entre as idades dos pais e de seus filhos; hoje em dia, porém, em conseqüência da urbanização e das rápidas mudanças na sociedade, um período de trinta anos é provavelmente uma unidade muito grande para a medida de transações experimentais.

A última perspectiva apontada pelos autores conceitua geração como "Zeitgeist" ou "espírito da idade", e raramente é usada. Nela, indivíduos são distinguidos por suas diferenças na moral, procedimentos, artes e políticas.

Revendo alguns estudos realizados em nosso meio dentro de uma perspectiva intergeracional, identificamos que Vitale (1994), ao investigar o sentimento da vergonha em três gerações, constituiu seu grupo de estudo a partir da noção de "geração do meio", conforme postulado por Attias-Donfut. Pinto (1997), por sua vez, ao estudar as concepções de velhice e cuidado em três gerações de origem nipo-brasileira, utilizou o conceito de geração baseado na faixa etária e na própria definição de geração adotada pelos imigrantes japoneses: "isseis" para os próprios imigrantes (primeira geração), "nisseis" para os filhos destes (segunda geração) e "sanseis" para os netos dos primeiros (terceira geração). Cardoso (1997), estudando jogos tradicionais infantis, também trabalhou com três gerações, tendo coletado dados entre crianças, suas mães e algumas avós. Tozo (1996), por sua vez, embora tenha levantado dados relativos ao cotidiano e ao lúdico na infância de duas gerações (pais e filhos), utilizou como informantes somente os pais.

No estudo em questão, adotei um conceito que associasse o critério de lugar de descendência ao coorte, pois de um lado considerei a posição e os papéis de pais, avós e bisavós em relação à criança que freqüentou(a) a creche, e por outro considerei a época em que as mães começaram a criar os filhos. Em assim sendo, dentro

da perspectiva da descendência considerei como da 1ª geração as mulheres que à época de coleta de dados já eram bisavós, da 2ª as que eram avós e da 3ª as que eram mães. Contudo, ao utilizar o critério de coorte estabeleci que a 1ª, 2ª e 3ª gerações seriam constituídas por famílias que haviam começado a criar seus filhos entre as décadas de 40 e 50, 60 e 70 e 80 e 90 respectivamente. Em função desta associação, uma mulher que ainda não era bisavó mas que teve o 1º filho em 1947 foi incluída na 1ª geração, pois entendi que sua experiência possuía maiores semelhanças com esta do que com a 2ª geração.

2ª OPÇÃO – UTILIZAR A HISTÓRIA DE VIDA INACABADA COMO LINHA METODOLÓGICA

Dentro do desenho qualitativo, optei pelo desenvolvimento de um estudo pautado na história de vida ou estudo biográfico, uma técnica que propicia a inteira relação entre a vida individual e social: "O que se busca é o esclarecimento de relações coletivas entre indivíduos num grupo, numa camada social, num contexto profissional, noutras épocas e também agora" (Queiroz, 1991).

Na "historia de vida inacabada", o pesquisador normalmente introduz questões redirecionando a narrativa dos entrevistados para os pontos de seu interesse (Biasoli-Alves et al., 1995). Nesse tipo de estudo, a grande preocupação está em registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de pessoas que já vivenciaram ou que estejam vivenciando situações objeto de estudo. Este tipo de registro, segundo Bosi (1987), "...alcança uma memória pessoal que é também uma memória social, familiar e grupal e em assim sendo, é comum o cruzamento entre os modos de ser do indivíduo que ocasionalmente está sendo objeto de estudo e sua cultura".

Isto é confirmado por Halbwachs (1990), que afirma que a memória pessoal se apóia na memória coletiva, uma vez que "... toda a história de nossa vida faz parte da história em geral". Assim, as lembranças de um indivíduo se referem ao seu ponto de vista sobre as vivências mais significativas dentro de um grupo restrito, e estão, portanto, atreladas à vivência com seu grupo, seu tempo, espaço e duração dessa comunidade. A memória coletiva, por sua vez, abrange os acontecimentos públicos dos quais todos os membros de um grupo compartilham, refere-se às lembranças em comum que identificam o indivíduo e seu grupo.

O grupo, portanto, com base na memória coletiva, revive, conserva práticas e correntes de pensamento apenas daquilo que identifica e solidifica o coletivo, aquelas coisas que possuem um significado inclusive para o momento presente. É importante ressaltar que a memória coletiva é múltipla, pois ela se refere aos vários grupos com que interagimos ao longo de nossa vida (família, vizinhos, escola, trabalho), sendo comum o fato de o indivíduo deixar de conviver no seu antigo grupo para participar de outros.

Da mesma forma que existem vários grupos, existem também diversos tempos. "Cada grupo definido localmente tem sua própria memória e uma representação de tempo que é somente dele." (Halbwachs, 1990).

O tempo coletivo é visto como "...um agente que nos permite ter um ponto referencial das coisas que podemos conservar e lembrar sobre os acontecimentos vividos. Ele nos permite reviver de forma consciente determinadas lembranças, pois outras ficam submersas..." (Halbwachs, 1990).

O quê diferencia um grupo de outro, apesar de viverem numa mesma esfera social, é a forma como cada grupo interpreta e dá significações aos fatos cotidianos. Segundo Cardoso (1997), sempre que recordamos, situamo-nos no presente e nos remetemos ao passado, assim o indivíduo desloca seu pensamento referente ao grupo em que vive para se colocar no ponto de vista de um outro grupo com quem conviveu em um determinado tempo. As lembranças produzidas constituem a releitura que o indivíduo faz das experiências vividas hoje, ou seja, ele reconstitui, recria e reconstrói suas experiências dando a elas um novo sentido. Além disso, a lembrança para ser trazida ao presente necessita de referenciais no tempo e no espaço.

Quando se desenvolve um estudo com ênfase na lembrança, remota ou recente, é porque se quer conhecer o que é lembrado e o seu significado para cada indivíduo como fruto do entrelaçamento entre o individual e o

coletivo. Fica o que significa, o que tem significado para a pessoa... (Bosi, 1987) pois "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva" (Halbwacks, 1990).

Se nos esquecemos de algumas recordações, é porque nosso vínculo com este determinado grupo enfraqueceu e aquelas coisas já não têm o mesmo significado. O enfraquecimento de algumas lembranças se deve, portanto, às transformações sociais no interior dos grupos, devido, por exemplo, a mudanças de interesses por parte de seus membros.

Por outro lado, o importante não é questionar a veracidade dos episódios rememorados, mas sim, como afirmam Fentress, Wickham (1992), entender como ocorre o processo de estruturação e transmissão do que é recuperado pelo grupo via memória social, isto é, "o que e como emprestam do passado antigas práticas e contribuições, revivendo e recriando-as no interior do grupo no qual participa". Com relação a esta questão, Bosi (1987) afirma que "... com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da História oficial". Nestes casos, o interesse do pesquisador se concentra "...no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se em sua lembrança com relação ao foco do estudo".

Para considerar a questão "criar os filhos" dentro da perspectiva intergeracional é preciso ressaltar que, se algumas práticas se perpetuam no tempo e outras não, isto se deve ao fato de que, de acordo com Halbwacks (1990), memória social e memória individual são uma via de mão dupla e é através da articulação de nossas lembranças que colocamos um pouco de nós e conhecemos um pouco do outro. Desta forma, memória social e memória individual não se confundem, mas se completam. Portanto, somos aquilo que lembramos, e se nossas recordações sobrevivem ao tempo é devido à forma como tanto nós quanto nosso grupo nos utilizamos dela, via linguagem, para propagá-la, isto é, graças ao modo como determinado grupo transmite e difunde idéias, seus costumes e tradições no seu interior.

É por esta razão que Vitale (1994) afirma que depoimentos individuais podem oferecer condições para se observarem as mudanças construídas entre as gerações. Eles se apresentam como "... uma forma adequada para os estudos das emoções, dos sentimentos, das experiências de vida, uma vez que estes são duplamente subjetivos, já que evocam a vida do sujeito interpretada por ele mesmo."

3ª OPÇÃO: O LOCAL DO ESTUDO

O estudo em questão teve como característica o fato de ter sido realizado em "lugar nenhum". Estranho, não? Foi esta mesma sensação que experimentei quando comecei a refletir sobre como apresentaria os informantes. Normalmente são utilizadas como informantes pessoas que possuem algum atributo em comum: trabalham ou moram no mesmo local, freqüentam o mesmo serviço, a mesma escola..., mas os informantes daquele estudo são diferentes, principalmente porque pertencem a gerações diferentes.

As famílias tinham em comum o fato de atualmente residirem em Maringá e já haverem experienciado ou estarem experienciando a situação de criar um filho, o quê, convenhamos, é um critério muito amplo, afinal, a presença de filhos é uma das variáveis mais freqüentemente encontradas em estudos realizados junto a populações cujo estado civil é identificado como "casado".[1] Ainda é uma realidade em nosso meio o fato de a maioria maciça das famílias em algum momento da sua história viver a experiência de criar um filho. Nós mesmos, todos, sem exceção, um dia já fomos filhos.

Destarte, outros critérios precisariam ser estabelecidos. Poderia ter realizado o estudo junto a qualquer família, poderia sim ter "facilitado minha vida" e coletado os dados na rua onde moro, aliás na própria quadra.

[1] Entenda-se por casado toda a variação de uniões entre um homem e uma mulher, relativa ao momento presente ou passado, podendo ser inseridos neste grupo os separados, viúvos, amancebados...

E que variedade de dados poderiam ter sido coletados ! Eram só 15 casas, e quão diferentes eram os estágios de vida de cada uma das famílias alí residentes. Eram avós, bisavós, mães de filhos adolescentes, bebês, crianças em idade pré-escolar, escolar... que variedade!

Fazia-se necessário, portanto, o estabelecimento de outros critérios. Definimos então que iríamos realizar o estudo junto a famílias cujas mulheres trabalhassem fora do lar. Por quê? Ora, porque hoje elas já são, se não a maioria, uma grande parcela, e é provável que suas experiências sejam mais difíceis, mais atribuladas, ... não sei.... Sei, contudo, que as mulheres que trabalham fora de casa já têm em comum pelo menos este fato. Mas como chegar às outras gerações? E se a maioria das mulheres hoje trabalham fora, como definir a amostra?

Outra vez, novos critérios precisavam ser estabelecidos. Por esta razão, fui mais além e, nesse momento, considerei que os dados poderiam ser coletados em famílias cujas mulheres trabalhavam na mesma instituição que eu, já que isto atenderia a meus interesses substantivos e teóricos (Bogdan; Taylor, 1975), uma vez que esse local possibilitaria o contato com mulheres pertencentes a diferentes níveis culturais e ganho de tempo no meu deslocamento e até economia financeira, visto que me encontrava apenas parcialmente afastada para cursar pós-graduação. Além disso, considerei também que o fato de trabalhar ali há vários anos poderia se constituir num facilitador de acesso e contatos com os informantes.

A problemática de se investigar um fenômeno pertencente à realidade de vida do pesquisador foi abordada por Velho (1986), que a considera uma condição normal de investigação:

> "Lido com indivíduos que narram suas experiências, contam suas histórias de vida para um pesquisador próximo, às vezes conhecido. As preocupações, os temas cruciais são, em geral, comuns a entrevistados e entrevistador. A conversa não é sobre crenças e costumes exóticos à socialização do pesquisador. Pelo contrário, boa parte dela faz referência a experiências históricas, no sentido mais amplo, e cotidianas também do meu mundo, e às vezes minhas aflições e perplexidades".

Voltando à questão da definição do grupo/local onde seria realizado o estudo, restava ainda o fato de querer desenvolvê-lo junto a famílias constituídas por indivíduos pertencentes a três gerações. Foi aí que surgiu a idéia de que os dados poderiam ser coletados adotando como ponto de referência a creche da instituição, ou seja, partiria sempre de crianças que freqüentaram ou estavam freqüentando a creche. Minhas informantes seriam, portanto, as mães, as avós e bisavós destas crianças.

Dois recursos foram utilizados para a localização das informantes: a coordenadora da creche, atendendo a solicitação, levantou através de questionamento direto e de cartazes, as crianças que estavam freqüentando a creche e que tinham avó e/ou bisavó vivas e que residissem em Maringá. Embora a maioria das crianças tivessem avós vivas, foram poucas que atenderam ao critério de residir em Maringá, além disso, foram raras as crianças que ainda tinham bisavós vivas e só uma destas morava em Maringá. Descobri mais tarde que a avó de uma das crianças, a qual era residente na cidade, já era bisavó de outras três crianças. Como as bisavós eram raras; optei por coletar os dados junto a esta família como se ela fosse uma bisavó. Para localizar as demais bisavós procurei como agulha em um palheiro, ou seja, a todo o momento e em todo o lugar perguntava se alguém conhecia pessoas que tinham filhos com uma bisavó ainda viva, e encontrei apenas mais quatro casos que atendiam ao critério de a criança ter freqüentado a creche em algum momento, mesmo que distante. A verdade é que gastei tanto tempo e energia procurando as bisavós que me "esqueci" de coletar os dados junto às avós, as quais, afinal, estavam tão mais acessíveis. Realizei entrevista com sete avós, mas uma delas foi deslocada para a 1ª geração; das seis restantes, três tinham neto passando pela creche na ocasião, e com as outras três, isto tinha acontecido havia já algum tempo.

Quanto às mães, houve por bem não coletar os dados só junto às famílias que tivessem filhos quase da mesma idade (menores de dois anos – que era o período máximo de atendimento na creche), optando por coletá-los junto às famílias cujos filhos tivessem freqüentado a creche algum tempo atrás e que no momento estivessem em idade escolar ou pré-escolar, ou mesmo que tivessem algum irmão adolescente.

4ª OPÇÃO: PRIORIZAR AS MULHERES COMO INFORMANTES DO ESTUDO

A escolha das mulheres como informantes do estudo é decorrente do pressuposto teórico que guiou a coleta de dados: o de que a família é o quadro social mais sólido e duradouro para a sustentação da memória, particularmente a oral. É como afirma Queirós e Jannoti (1992)

> "... a família é o espaço social onde o indivíduo é fortemente destinado pela fixidez nas relações de parentesco e onde, ao mesmo tempo, a personalidade individual ganha maior relevo, reminiscências sustentadas pelo grupo familiar subsistem mesmo após a desagregação do núcleo original de sua história. Tão sólidos são os vínculos criados no interior da família que em nenhum outro grupo se processa tão fortemente o fenômeno que transforma em reminiscências pessoais as lembranças de outros, fazendo da voz de um a fala de muitos" [grifo meu].

Como este estudo pretendia retratar o modo das famílias de cuidar/lidar com crianças, ele é um estudo sobre as relações sociais que envolvem o mundo privado (a família) e que se dão em um espaço também quase sempre privado (dentro do espaço da casa).

Dentro deste espaço privado a mulher ainda é tida por muitos como a legítima responsável pelo "cuidado" não só dos filhos, mas da família como um todo. Dados sobre freqüência aos serviços de saúde bem demonstram esta responsabilidade: é a mãe e não o pai que se dispõe a faltar ao serviço para levar o filho doente ao médico, da mesma forma que é a mãe e não o pai que fica em casa acompanhando a recuperação do filho impedido de entrar na creche diante de alguma doença transmissível. Hoje, em nossa sociedade podemos até dizer que alguns pais também participam das visitas aos pediatras, mas esta ainda é uma realidade de indivíduos de classes mais favorecidas, não é o que se presencia em serviços públicos de saúde.

Ora, se a mulher é a responsável pelo "cuidado", ela certamente é a pessoa mais indicada para rememorar como é feito este "cuidar", além disso, segundo Perrot (1989), a memória feminina, assim como a escrita feminina, é uma memória familiar, semi-oficial.

Para essa autora,

> "Os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória. Pela força das circunstâncias, pelo menos para as mulheres de antigamente, e pelo que resta de antigamente nas mulheres de hoje (o que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo, os quais a elas foram de alguma forma delegadas por convenção e posição. Às mulheres cabe conservar os rastros das infâncias por elas governadas. Às mulheres cabe a transmissão das histórias de família..."

Além disso, segundo Perrot (1989), ao se analisarem relatos de casais sobre recordações da infância ou da vida privada, é possível identificar que "existe um contraste entre o mutismo dos homens e uma loquacidade muito maior por parte das mulheres". Esta constatação levou a autora a inferir: "...ou o trabalho e a atração exterior podem atrofiar a memória masculina sobre estas questões, ou ainda que falar de si mesmo seja contrário à honra viril que considera essas coisas negligenciáveis, abandonando às esposas o lugar junto ao berço e as questões relativas à casa".

Para Perrot (1989), a partilha da memória obedece a uma definição muito rígida dos papéis sexuais "mesmo em um casal de tradição autogestionária (anarco-sindicalista): o homem fala do trabalho, greves, ação reivindicativa; a mulher, de moradia, vida material e história familiar".

A autora conclui que na rememoração, as mulheres são em suma os "porta-vozes da vida privada".

Se as mulheres são os porta-vozes da vida privada e se aspectos da vida privada (cuidado/criação de crianças) constituem nosso foco de estudo, optamos por eleger prioritariamente as mulheres como sujeitos deste estudo.

A título de curiosidade, definimos que alguns pais poderiam participar do estudo e por isto resolvemos entrevistá-los, porém, embora tenha conversado com vários pais que trabalhavam na Universidade e que tinham filhos na creche, só conseguimos realizar a entrevista com dois deles. Percebemos que eles próprios estranhavam nosso interesse em conversar com eles sobre a criação de seus filhos. Na maioria das vezes a reação imediata era a de perguntar se eu já havia falado com suas esposas, e como a resposta era quase sempre positiva, eles passavam a assumir uma posição de quem concordava, mas ao mesmo tempo, tentavam fugir da situação:

"A gente pode conversar, mas por estes dias estou muito ocupado porque preciso..."

"podemos marcar uma hora, mas estou sem minha agenda".

Em diversas ocasiões nos colocamos à disposição e entregamos o número de nosso telefone, de forma que eles pudessem entrar em contato em uma ocasião mais propícia, mas este contato quase nunca foi feito. Com os pais que não trabalhavam na Universidade, na verdade não tentamos nenhum contato, por considerar que com estes seria mais difícil encontrar um horário de disponibilidade.

Com relação a este aspecto identificamos que sempre que os estudos buscam coletar dados relativos ao cuidado ou às características de uma outra geração, especialmente quando se trata dos filhos, a mulher tem se constituído no elemento de preferência. Biasoli-Alves (1994), por exemplo, coletou dados junto a 110 mães para identificar aspectos da socialização e desenvolvimento de crianças na família. Cardoso (1997), ao estudar os jogos infantis, também utilizou como informantes, da primeira e segunda gerações, somente pessoas do sexo feminino, justificando que os pais das crianças ora se encontravam no trabalho, ora preferiram deixar esta questão a cargo de suas esposas, ou eram (viviam) ausentes da família. Tozo (1996), estudando o cotidiano e o lúdico na infância de hoje e de ontem, coletou dados junto ao pai e à mãe. Pinto (1997), por sua vez, ao estudar o cuidado dispensado a idosos em famílias japonesas, só entrevistou elementos do sexo masculino, justificando que tal escolha ocorreu em função da própria cultura japonesa.

5ª OPÇÃO – A TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados envolveu inicialmente a completa transcrição das entrevistas. Nessa ocasião pretendia utilizar um programa computacional denominado Ethnograph, pois entendia que o seu uso, em vez do processo manual, poderia auxiliar-nos grandemente na análise dos dados. É provável que isto ocorresse se tivéssemos conseguido apreender todas as particularidades de seu uso, no entanto a avaliação que faço hoje é que perdi um tempo muito grande tentando aprender sobre o programa e mesmo trabalhando com ele. Para tanto, todas as entrevistas foram digitadas inicialmente no programa computacional Word 5, depois disso, transferidas e salvas dentro do programa Ethnograph com um outro nome. Então era rodada uma cópia da entrevista dentro das especificidades propostas pelo programa, ou seja, a impressão era feita só no lado direito da folha e todas as linhas já vinham com seus números correspondentes, para que a codificação inicial fosse efetuada.

Em seguida era dado início a um trabalho manual de codificar os dados. Codificar é o mesmo que rotular as notas. Este processo só ocorreu após várias leituras dos dados, nas quais todas as informações foram examinadas linha por linha, palavra por palavra, até que os conceitos ou significados nelas contidos fossem

identificados, dando origem aos códigos substantivos, isto é, cada informação após a análise, foi resumida numa palavra ou expressão que transmitisse o seu significado.

Reflexões teóricas acompanharam todo o processo de codificação dos dados, pois se trata de um momento no qual o trabalho indutivo é o mais presente.

Procedimentos foram tomados para que os códigos identificados fossem transcritos para o computador e a partir de então, o programa começa a trabalhar a nível de análise, sendo possível identificar a freqüência das ocorrências de cada código por entrevista, no conjunto de todas as entrevistas, inclusive o cruzamento de informações.

Embora tenha chegado a todas estas etapas, a falta de familiaridade com o programa nos fazia perder dados, e isto nos obrigava a repetir, por várias vezes, operações já realizadas, demandando tempo e energia. De qualquer forma, concluímos que o fato de ter os dados de todas as entrevistas separados por códigos facilitou o trabalho, mas ao mesmo tempo não foi suficiente. A grande vantagem no uso deste programa foi a possibilidade de se solicitar a impressão de determinados códigos em algumas ou em todas as entrevistas.

Por outro lado, o grande número de códigos identificado levou-nos a experimentar insegurança, determinando a necessidade de realizar uma nova codificação, ou seja, pegamos novamente os dados brutos e procedemos a nova codificação. Apesar do dispêndio de tempo, este procedimento foi válido à medida que reforçou a codificação inicial, pois os mesmos ou semelhantes códigos foram encontrados.

Em determinada etapa da análise, separamos os dados não mais por entrevista e sim por códigos, os quais mais tarde foram separados por geração. Assim, foi possível identificar a ocorrência dos mesmos dentro de uma mesma geração e entre as gerações, da mesma forma que também foi possível identificar aqueles que eram comuns a todas as gerações ou pertenciam a apenas uma.

Em seguida procuramos estabelecer uma homogeneização nas entrevistas através da criação de substratos individuais. Para tanto, procedeu-se a uma avaliação dos códigos, identificando os mais freqüentes, e a partir deles elaboramos algumas questões. Assim, cada entrevista foi explorada à exaustão com vistas a responder às 16 questões elaboradas.

Após esta etapa, cada substrato foi novamente explorado, com o intuito de identificar os núcleos temáticos referentes à experiência de cada família, o quê se processou em duas etapas:

1. levantamento dos aspectos relativos a: interação, ajuda, referências no cuidar, preocupações, valores, concepção de criança, educação/disciplina e atividades que envolve o criar;
2. identificação dos núcleos temáticos.

Em seguida estes núcleos foram reunidos e organizados em relação a cada geração, e num segundo momento, confrontados entre si e na relação com as outras duas gerações.

Através deste procedimento de análise procuramos abordar os conteúdos convergentes e divergentes das experiências relatadas por cada uma das informantes. Cabe ressaltar que a diversidade das experiências vividas e as visões contrastantes dentro de uma mesma geração apontam, acima de tudo, a complexidade da realidade investigada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, gostaríamos de ressaltar que o fato de constatar que outros autores consideram a possibilidade de investigar um fenômeno comum à vivência do pesquisador e, inclusive, a percebem como uma condição natural neste tipo de estudo, tranquilizou e liberou-nos para que, principalmente na análise dos dados, minha experiência de mulher e mãe de dois filhos fluísse na forma de interpretar e agrupar os dados encontrados, uma

vez que sei não ser possível fazer uma análise desvinculada de minha história de vida, de minha formação cultural. Aliás, Vitale (1994), apesar de considerar que este fato pode se constituir em um limite para este tipo de estudo, por outro lado considera que ele pode representar uma condição que amplia as possibilidades de análise do universo estudado.

Consideramos que as estratégias utilizadas permitiram o desvelar de aspectos do cotidiano da vida em família, especialmente no que se refere à criação dos filhos, e além disso, o acompanhamento e comparação de mudanças ocorridas em todas as facetas da criação dos filhos ao longo das gerações.

ABSTRACT: Present the methodological options adopted in a study about the children's creation, The data were collected in the period of January from 1996 to October of 1997 through open interview. The first option was the one of accomplishing the collection of data with families that experienced the children's creation in different times delineated by three generations – parents, grandparents and great-grandmothers. The 2ª it was the one of prioritizing the women as informers of the study, The third were the one of using as methodological line, the history of unfinished life, And the last, links to the technique of analysis of the data, in the which tried to approach convergent and divergent aspects of the experiences told by each one of the informers, in way to identify the occurrence of facts inside of the same generation and among the generations, the one that made possible identify those that were common to all of the generations or they belonged her/it just one.

KEY WORDS: Family relations; Child rearing; Family; Research; Methods.

RESUMEN: Muestra algunas opciones metodológicas adoptadas en un estudio sobre la manera de criar a los hijos. Los datos fueron recogidos entre enero de 1996 y octubre de 1997 mediante entrevista abierta. La 1ª opción fue realizar la recogida de los datos con familias que criaron a sus hijos en diferentes épocas delineadas por tres generaciones – padres, abuelos y bisabuelos. La 2ª fue utilizar como línea metodológica la historia de vida inacabada. La 3ª fue con relación a la localización de los informantes. La 4ª fue dar prioridad a las mujeres como informantes del estudio. La última, se relaciona a la técnica de análisis de los datos, en la cual se procuró abordar aspectos convergentes y divergentes de las experiencias relatadas por cada uno de los informantes, buscando identificar el suceso de hechos dentro de la misma generación y entre las generaciones, y por tanto, hechos que eran comunes a todas las generaciones o pertenecían sólo a una.

PALABRAS CLAVE: Relaciones familiares; Crianza del niño; Familia; Pesquisa; Metodologia.

REFERÊNCIAS

1 ANDRE, M. E. D. A. Etnografia na prática escolar. São Paulo: Papirus, 1995.

2 BIASOLI – ALVES, Z. M. Família – socialização – desenvolvimento. Ribeirão Preto, 1994, 178 p. Tese (Livre docência) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo.

3 BIASOLI – ALVES, Z. M.; VENDRAMIM, P.; CALDANA, R. H. L. O cotidiano de famílias brasileiras no início do século XX: os papéis masculino e feminino. In: ENCONTRO IBERO AMERICANO SOBRE FAMÍLIA, 3., São Leopoldo, 1995.

4 BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Editora da USP, 1987.

5 BOGDAN, R.; TAYLOR, S. J. Introduction to qualitative research methods. New York: John Wiby, 1975.

6 CARDOSO, S. R. Memória e jogos tradicionais infantis: lembrar e brincar é só começar. Marília, 1997. 195 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista.

7 FENTRESS, J.; WICKHAM, C. Memória social. Lisboa: Teorema, 1992.

8 HALBWACHS, M. Memória coletiva. São Paulo: Vétice, 1990.

9 MARCON, S. S. Criar os filhos: experiências de famílias de três gerações. Florianópolis, 1998. 285 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina.

10 PERROT, M. Práticas da memória feminina. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v.9, n.18, p. 9-18, 1989.

11 PINTO, M. E. B. Concepções de velhice e cuidado em três gerações de origem nipo-brasileira. Campinas, 1997. 202 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

12 QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indivizível" ao " dizível". Ciência e Cultura, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 272-286, 1991.

13 QUEIRÓS, S. R. R.; JANNOTTI, M. L. M. Memória da escravidão em famílias negras de São Paulo. In: ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6., 1992, Olinda. Anais..., Olinda, 1992. p.115-130.

14 TOZO, S. M. P. S. A infância em gerações diferentes: o cotidiano e o lúdico. São Carlos, 1996. 126 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos.

15 UPHOLD, C. R.; HARPER, D. C. Methodological issues in intergenerational family nursing research. Advances in Nursing Science, v. 8, n. 3, 1987. p. 38-49.

16 VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1986

17 VITALE, M. A. F. Vergonha: um estudo de três gerações. São Paulo, 1994. 191 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.